

A BELEZA DO ERRO PURO DO ENGANO DA (IM)PERFEIÇÃO: REFLEXÕES PÓS-MODERNAS

SCORSOLINI-COMIN, Fabio; SOUZA, Laura Vilela e; MISHIMA, Fernanda Kimie
Tavares; SANTOS Manoel Antônio dos

Resumo:

O objetivo é discutir o ideal de beleza criado em torno da mulher e sua repercussão em algumas patologias, como é o caso dos transtornos alimentares (anorexia e bulimia nervosa). Para tanto, dentro do paradigma pós-moderno de investigação, contextualizam-se os ideais de beleza e como eles são construídos e reelaborados com o tempo, por meio dos discursos e das vozes sociais, promovendo mudanças no modo como as mulheres vêem seus corpos e se colocam no mundo, ou seja, a partir do ethos da atual sociedade. Assume-se que as descrições de mundo acerca da mulher e do ideal perverso de beleza veiculados em nosso meio discursivo-social e pela mídia podem favorecer não apenas a manifestação dessas patologias, mas a construção de um ideário absoluto que exclui e segrega. A pós-modernidade, questionando tais discursos, abre um caminho para que atuações menos estereotipadas e práticas mais inclusivas e reflexivas possam ser incorporadas.

Palavras-chave: discurso; linguagem; transtornos alimentares; pós-modernidade.

A beleza do erro puro do engano da (im)perfeição: reflexões pós-modernas

“(...) Mundo velho e decadente mundo / Ainda não aprendeu a admirar a beleza / A verdadeira beleza, a beleza que põe mesa / E que deita na cama / A beleza de quem come, a beleza de quem ama / A beleza do erro puro do engano da imperfeição (...)”.

(Zeca Baleiro, Salão de beleza, 1997).

*“(...) As muito feias que me perdoem
Mas beleza é fundamental”.*

(Vinicius de Moraes, Receita de Mulher).

Introdução

De acordo com Wolf (1992), a ideologia da beleza é a última das antigas ideologias femininas que ainda tem o poder de controlar as mulheres. Ela se fortaleceu para assumir a função de coerção social que os mitos da maternidade, domesticidade, castidade e passividade não conseguem mais realizar. Esta ideologia, segundo a autora, procura destruir psicologicamente tudo de positivo que o feminismo proporcionou às mulheres material e publicamente.

O mito da beleza, ainda segundo Wolf (1992), seria materializado não apenas nas dimensões da sexualidade, do trabalho e da religião, mas também do próprio corpo. Segundo revisão da literatura científica acerca do corpo, muitos trabalhos apontam a necessidade de se romper com as dicotomias existentes na ciência (mente-corpo, eu-outro, eu-mundo), trabalhando-se com um novo paradigma.

Segundo revisão da literatura científica feita por Scorsolini-Comin e Amorim (2008) acerca do corpo (noção de corporeidade), muitos trabalhos (Leder, 1984; Polak, 1997; Overton, 1997; Csabai & Erős, 1999; Paterson & Hughes, 1999; Barnard, 2000; Fogel, 2000; Hoogland, 2001; Rouco, 2001; Soffer, 2001) apontam a necessidade de se romper com as

dicotomias existentes na ciência (mente-corpo, eu-outro, eu-mundo), trabalhando-se com um novo paradigma.

De acordo com Leder (1984), utilizando o conceito de “corpo vivido” de Merleau-Ponty, deve-se compreender que o corpo não é meramente um mecanismo causal, mas uma entidade intencional que sempre se dirige rumo ao mundo. A partir do conceito de “corpo vivido” de Merleau-Ponty (Polak, 1997), deve-se compreender que o corpo não é meramente um mecanismo causal, mas uma entidade intencional que sempre se dirige rumo ao mundo. Polak (1997) lança a proposta de se estudar o corpo não apenas como um receptáculo passivo de influências externas, mas como um agente ativo em constante transformação, em consonância com a cultura e a própria evolução dos costumes, dos hábitos e das práticas discursivas que imperam em nossa sociedade (Scorsolini-Comin, 2006).

O corpo vivenciado na pós-modernidade é diferente daquele vivenciado nas sociedades tradicionais, possuindo especificidades no modo como é percebido esteticamente, sofrendo forte influência do individualismo. Com a ruptura da antiga solidariedade que integrava o indivíduo a uma coletividade e ao cosmos/natureza por meio de uma rede de correspondência, em que tudo se correlaciona, importantes modificações ocorreram nas formas de vínculo social. A nossa cultura fez com que o corpo se tornasse uma fronteira precisa que marca a diferença de um homem a outro, ou seja, o corpo é o que delimita a soberania e permite a individualização, a diferenciação.

Neste sentido, Lipovetsky (2007), em um ensaio filosófico sobre a felicidade na contemporaneidade, denominada por ele de era do hiperconsumo, resgata a herança da mitologia e do Deus Dionísio, distribuidor de alegrias em abundância que incitava os homens ao gozo pleno. Segundo o autor, esse *ethos* de alegria foi redescoberto pelo homem atual, insistindo na nova cultura cotidiana que presta um culto às sensações imediatas, aos prazeres do corpo e dos sentidos, às volúpias do presente, em um retorno e aprofundamento do *carpe diem*, o que seria um engano, haja vista que quanto mais a felicidade hedonista é exibida, mais é acompanhada por temores e tremores: o que se propaga é menos o *carpe diem* do que o sentimento de insegurança.

Na verdade, o culto do instante não estaria à nossa frente, mas regressaria. O autor cunha a expressão “turboconsumidor” para se referir às rápidas mudanças sociais e econômicas que levaram o ser humano não apenas a um consumo em massa, mas a uma

situação de individualização e hiperindividualização do consumo, como se o mesmo fosse o direcionador dos sentimentos em torno do ser feliz, o que atingiria todas as esferas sociais (os que querem e podem consumir, excluindo o oposto a este quadro) e idades (adultos e crianças ansiosas por consumir).

O homem contemporâneo viveria sob um estado de desamparo, tornando-se o único responsável por atingir o seu êxito, estando suscetível a medos, frustrações, ansiedades e à produção de novas e efêmeras necessidades de consumo, consumo este que perpassa as aquisições materiais, chegando ao domínio das subjetividades. De acordo com as reflexões de Lipovetsky, a nova ordem cultural na contemporaneidade valoriza os laços emocionais e sentimentais, as trocas íntimas entre as pessoas e a proximidade comunicacional com o outro.

É neste contexto que se passa a discutir o advento dos transtornos alimentares, que não remontam aos dias atuais. A descoberta médica da Anorexia Nervosa (AN) e da Bulimia Nervosa (BN) aconteceu em 1691. Do histórico desses transtornos, apreendemos que sua incidência aumentou muito nos últimos 50 anos, em parte devido aos estudos dedicados aos mesmos, que vêm possibilitando um maior reconhecimento na população. Muitos estudos buscaram delinear a etiologia da anorexia e da bulimia, procurando identificar fatores de risco para o seu aparecimento.

A pressão sócio-cultural para ser magro é referida por vários autores como fator de risco para a predição da doença (POLIVY & HERMAN, 2002). Incluem-se nesse cenário principalmente as pressões exercidas pela família, dos grupos de pares e da mídia. Segundo Souza e Santos (2007), o aumento da incidência desses transtornos coincide com a ênfase na magreza feminina como uma expressão de atração sexual.

Atualmente, a sociedade valoriza a atratividade e a magreza em particular, fazendo da obesidade uma condição altamente estigmatizada e rejeitada. Atualmente, firmou-se uma convicção de que se tratam de transtornos multifatoriais. Apesar dessa suposta multicausalidade, a pressão sociocultural para ser magro é referida por vários autores como fator de risco para a predição da doença (SOUZA e SANTOS, 2006; POLIVY e HERMAN, 2002). Incluem-se nesse cenário principalmente as pressões exercidas pela família, pelos grupos de pares e pela mídia. A associação da beleza, sucesso e felicidade com um corpo magro tem levado as pessoas à prática de dietas abusivas e de outras formas não saudáveis de regular o peso.



O ideal de magreza pode favorecer sentimentos de depressão, raiva, culpa, estresse e insegurança. A concepção psicológica da AN e da BN permanece o foco de muitas pesquisas, buscando compreender a dinâmica de personalidade específica dos pacientes com a doença. Algumas características apontadas por esses autores como próprias da doença são: disfunção da percepção corporal, preocupação excessiva com a aprovação social, tentativa de corresponder com as expectativas dos pais, sentimento de vazio e sintomas depressivos.

Objetivo

Discutir acerca do ideal de beleza criado em torno da mulher e a sua repercussão em algumas patologias, como é o caso dos transtornos alimentares, entre eles a anorexia e bulimia nervosa. Para tanto, dentro do paradigma pós-moderno de investigação, discutir-se-á a contextualização dos ideais de beleza e como eles são construídos e reelaborados com o tempo por meio da linguagem e dos discursos, promovendo mudanças no modo como as mulheres vêem seus corpos e se colocam no mundo, ou seja, a partir do *ethos* da atual sociedade.

Referencial teórico: pós-modernidade, Bakhtin e os discursos

Em um paradigma pós-moderno de investigação, assume-se que as descrições sobre o mundo e as pessoas são construções sociais, inclusive as descrições científicas, contrapondo-se a visão moderna de ciência na qual existe uma realidade a ser descoberta através da análise objetiva. Portanto, os modelos de explicação teórica da anorexia e da bulimia não são as verdades sobre ela, mas fazem parte do repertório de metáforas possíveis para sua descrição. A postura ética e crítica que essa compreensão implica estão no reconhecimento de que não existe uma verdade única e irrefutável a ser descoberta ou um ponto de vista privilegiado para o entendimento do objeto escolhido. Ou seja, as verdades são pautadas em critérios de coerência, utilidade, inteligibilidade e moralidade, e que as crenças são geradas através dos processos de comunicação, constroem a realidade e são sustentadas pelas interações sociais. Na visão bakhtiniana de linguagem, como destacado por Scorsolini-Comin e Santos (2007), o ser humano seria considerado um intertexto, não existindo isoladamente, já que a sua vida se tece, intercruza-se e se interpenetra com a experiência do outro. Os enunciados de um falante

estão sempre e inevitavelmente atravessados pelas palavras do outro: o discurso elaborado pelo falante constitui e se constitui também do discurso do outro que o atravessa, condicionando o discurso do “eu”.

O conceito de dialogismo assumido por Bakhtin (1999) assume grande importância na medida em que entende a palavra como possuindo um constante movimento e o ser humano como não apenas sendo influenciado pelo meio, mas também agindo sobre o mesmo, transformando-o. Além disso, do ponto de vista da comunicação, o dialogismo ratifica o conceito de comunicação como interação verbal e não verbal, não meramente como transmissão da informação. O dialogismo operaria dentro de qualquer produção cultural, seja letrada ou analfabeta, verbal ou não verbal, elitista ou popular.

De acordo com Bakhtin (2002) e Brait (2003), a realidade fundamental da linguagem é a atividade sociosemiótica que se dá entre indivíduos socialmente organizados, constituídos e imersos nas relações sociais historicamente situadas e das quais participam de forma ativa e responsiva. Essas questões colocam em evidência as idéias de dialogismo de Bakhtin (1997; 2002), que focalizam primeiramente o conceito do diálogo e a noção de que a língua é sempre um diálogo. A verdadeira substância da língua seria o ato dialógico em seu acontecimento concreto, sendo que qualquer diálogo é, ele próprio, histórico e socialmente determinado.

Bakhtin (1997; 1999) emprega a palavra polifonia para descrever o fato de que o discurso resulta de uma trama de diferentes “vozes”, sem que haja a dominação de uma sobre as outras. Uma das características básicas do dialogismo bakhtiniano é conceber a unidade do mundo como polifônica. Segundo a teoria polifônica de Bakhtin, a palavra é a revelação de um espaço no qual os valores de uma dada sociedade se explicitam e se confrontam, sendo que a palavra se transforma e possibilita diferentes significados segundo o contexto em que surge. Na polifonia, a recuperação do coletivo se faz via linguagem, na qual o outro é uma presença constante, já que a linguagem é uma realidade intersubjetiva e essencialmente dialógica. Nessa concepção, o indivíduo é sempre atravessado pela coletividade.

Análises e reflexões

A conceituação da anorexia e da bulimia como psicopatologias reproduz as idéias sociais dominantes encontradas no discurso científico e reguladas através da linguagem. Os discursos presentes sobre a AN e a BN posicionam as pessoas diagnosticadas com essa

doença de maneiras particulares e acabam sendo legitimados no meio social. Essas imagens, muitas vezes, acabam contribuindo para que tais patologias sejam cada vez mais carregadas por estigmas que não contribuem para os tratamentos, ou melhor, acabam por interferir de modo negativo nas intervenções. O que deve ser colocado aqui é que tais discursos ou práticas não devem ser avaliados como positivos ou negativos, ou então como adaptativos ou não, mas em que medida eles são cravados na existência dessas pessoas e como isso repercute no modo como elas lidam com tais discursos, como esses saberes e discursos compõem o seu “ser no mundo”, resgatando a contribuição do referencial fenomenológico.

Os discursos atuais sobre a anorexia e bulimia são limitadores, no sentido de que vêem os pacientes como pessoas doentes, que apenas recebem passivamente os discursos elaborados por outrem. Na verdade, o que pontuamos é que a multiplicidade de discursos são produzidos socialmente e não se situam em um ou outro falante. Como produto social, a nossa fala está repleta das palavras dos outros, o que nos coloca como ativos produtores da discursividade.

A exuberância polifônica acerca dos transtornos alimentares evidencia as múltiplas possibilidades de compreensão que decorrem dos modos distintos de dar voz aos falantes. Tal multiplicidade e construção coletiva dos discursos podem ser corporificadas nas falas das pacientes em grupos de apoio, por exemplo (SOUZA e SANTOS, 2007), sendo este espaço grupal um locus privilegiado para não apenas a deflagração dessa multiplicidade, mas também para a construção e reconstrução dessas práticas discursivas, a partir da experiência de cada membro, destacando a importância das narrativas das pacientes na compreensão desses transtornos (RAWLINSON & LUNDEEN, 2006).

Deve-se compreender que do mesmo modo com que as pessoas constroem os discursos sobre a AN e a BN no meio social, esses discursos podem sim ser transformados, abarcando-se outras possibilidades de visão acerca do problema, o que pode repercutir em práticas mais saudáveis e visões menos estigmatizantes, mais inclusivas e promotoras de desenvolvimento das pacientes.

Compreendendo o caráter coletivo das produções das idéias e dos discursos, situando as pessoas em um determinado contexto discursivo (SPINK & MEDRADO, 2000), pode-se nortear os tratamentos existentes na atualidade, diminuindo o peso que se dá à doença e

transferindo a ênfase à pessoa em seu processo de significar seu sofrimento, em sua constituição *com e pelo* outro, nos marcos de seu ambiente.

Os discursos atuais sobre a anorexia e bulimia são limitadores, no sentido de que vêem os pacientes como pessoas doentes, que apenas recebem passivamente os discursos elaborados por outrem. Na verdade, o que pontuamos é que a multiplicidade de discursos são produzidos socialmente e não se situam em um ou outro falante. Como produto social, a nossa fala está repleta das palavras dos outros, o que nos coloca como ativos produtores da discursividade.

Assim, contextualizar a produção dos discursos, situando as falas das anoréxicas dentro de um meio específico pode contribuir para que não se perpetue a visão preconceituosa e estigmatizante que se lança às pessoas com tal transtorno alimentar, abarcando de modo coerente a pessoa em sua multiplicidade, em seu caráter dialógico que emerge na sua relação com o outro e com o mundo.

A julgar pelo que pôde ser captado em trabalhos empíricos em grupos de apoio (SOUZA e SANTOS, 2007), pode-se dizer que muitos dos mitos em torno da doença podem ser gradualmente desconstruídos e reelaborados. O que destacamos aqui é que o conhecimento em torno do princípio dialógico e polifônico da linguagem pode contribuir para que tais idéias sejam não apenas veiculadas, mas ativamente exploradas para atuarem como promotoras de mudanças. Mudanças que propiciem uma melhor qualidade de vida às pacientes, melhores condições de tratamento e possibilidades reais de inclusão social.

Considerações finais

Por fim, trazendo à tona a barbárie da ética e da estética, Lipovetsky (2007) destaca que a atual sociedade do hiperconsumo deve criar formas de sustentabilidade, não sendo apenas destrutiva como o que vem sendo observado, mas também responsável. Em termos históricos, do mesmo modo como a opção consumista seria uma invenção datada, a sua exaustão deve ocorrer não apenas a partir de uma revolução do modo de produção mercantil e de valores, mas por uma inversão hierárquica na qual o hedonismo não seria um princípio estruturante da vida.

O destino da sociedade seria a era do pós-hiperconsumo, na qual o ecletismo da felicidade e da beleza levaria a uma contínua produção de dilemas, levando à necessidade de reinvenção dos mitos da beleza, do amor e da felicidade. A pós-modernidade e as emergentes questões acerca da sexualidade e suas temáticas correlacionadas abre espaço para que se possa pensar nos ideais inatingíveis construídos acerca da beleza feminina e como isso pode ser usado contra as próprias mulheres, retomando a visão de Wolf (1992). Estaríamos voltando ao questionamento trazido pela canção inicial, de que a beleza seria o “erro puro do engano da imperfeição”? Haveria uma perfeição, uma norma, um padrão único?

A pós-modernidade vem justamente para desconstruir discursos como esses e propor um modo novo de repensar a vida, a existência, nossos saberes, práticas e concepções, muitas vezes reprimidas no paradigma que só abre espaço para o que é “hiper”. Assim, é premente a necessidade de que investiguemos com olhos e corpos atentos não apenas a beleza em sua expressão contemporânea e as patologias relacionadas, mas a produção de sentidos, idéias e necessidades em torno da contemporaneidade do hiperconsumo, da hiperindividualização e do hiperdesejo, parafraseando Lipovetsky.

Deste modo, é preciso que pensemos na anorexia / bulimia e no conceito de doença veiculado na pós-modernidade, tendo em vista a dupla via em que se dá a constituição do ser humano. Considerando o princípio dialógico, é necessário o olhar “de dentro para fora”, olhar este que só é possível a partir das palavras dos pacientes. Sem esta consideração, qualquer visão acerca dessas doenças será, inevitavelmente, unívoca, o que nos colocaria, novamente, diante de uma concepção unilateral do ser humano.

Referências

- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Tradução: Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BAKHTIN, M. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. Tradução: Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 1999.
- BARNARD, S. Construction and corporeality: Theoretical psychology and biomedical technologies of the self. **Theory-and-Psychology**, v.10, n.5, p. 669-688, 2000.
- BRAIT, B. As vozes bakhtinianas e o diálogo inconcluso. In: BARROS, D. L. P.; FIORIN, L. (Eds.). **Dialogismo, polifonia e intertextualidade**. São Paulo: Edusp, 2003. p. 11-28.
- CSABAI, M.; EROS, F. Bodies in transition: The unbearable lightness of the traditionless self. **Journal-of-European-Psychoanalysis**, v. 8, n .9, p. 93-106. 1999.
- HOOGLAND, R. Fact and fantasy: The body of desire in the age of posthumanism. **Journal-of-Gender-Studies**, v. 11, n. 3, p. 213-231. 2002.
- LEDER, D. Medicine and paradigms of embodiment. **Journal-Medicine-Philosophia**, v. 9, n. 1, p. 29-43. 1984.
- LIPOVETSKY, G. **A felicidade paradoxal: ensaios sobre a sociedade de hiperconsumo**. Tradução: Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras. 2007.
- OVERTON, W. Beyond dichotomy: An embodied active agent for cultural psychology. **Culture-and-Psychology**, v. 3, n. 3, p. 315-334. 1997.
- PATERSON, K.; HUGHES, B. Disability studies and phenomenology: The carnal politics of everyday life. **Disability-and-Society**, v. 14, n. 5, p. 597-610. 1999.
- POLAK, Y. N. S. O corpo como mediador da relação homem/mundo. **Texto & Contexto Enfermagem**, v. 6, n. (3), p. 29-43. 1997.
- POLIVY, J.; HERMAN, C. P. Causes of eating disorders. **Annual Review of Psychology**, v. 53, n. 1, p. 187-213. 2002.
- ROUCO, M. B. S. Personalização e a questão corpo-mente em Winnicott. **Mudanças**, v. 9, n. 15, p. 175-186. 2001.
- SCORSOLINI-COMIN, F.; AMORIM, K. S. Corporeidade: uma revisão crítica na literatura científica. **Psicologia em Revista**, v.14, n. 1, p. 189-214. 2008.



SCORSOLINI-COMIN, F.; SANTOS, M. A. Poesia mediada: dialogismo, linguagem e comunicação no filme O carteiro e o poeta. **Revista Eletrônica de Comunicação**, v. 4, p. 1-15. 2007.

SCORSOLINI-COMIN, F. **Em meu gesto existe o teu gesto e em minha voz a tua voz:** discutindo a corporeidade de crianças em inclusão pré-escolar. Monografia. Faculdade de Filosofia, Ciência e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, 2006.

SOFFER, J. Embodied perception: Redefining the social. **Theory-and-Psychology**, v. 11, n. 5, p. 655-670. 2001.

SOUZA, L. V.; SANTOS, M. A. **Anorexia e bulimia:** conversando com as famílias. São Paulo: Vetor, 2007.

SOUZA, L. V.; SANTOS, M. A. A família e os transtornos alimentares. **Medicina (Ribeirão Preto)**, v. 39, n. 3, p. 403-409. 2006.

_____. **Anorexia e bulimia:** conversando com as famílias. São Paulo: Vetor, 2007.

SPINK, M. J. P.; MEDRADO, B. (). Produção de sentidos no cotidiano: uma abordagem teórico-metodológica para análise das práticas discursivas. In: SPINK, M. J. (Org.), **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano:** aproximações teóricas e metodológicas. São Paulo: Cortez, 2000. p. 41-61.

WOLF, N. **O mito da beleza:** como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.



Autores

1. Fabio Scorsolini-Comin

(Psicólogo e mestrando em Psicologia pela Universidade de São Paulo. Especialização em Gestão da Educação – Administração Escolar e graduando em Pedagogia pela Universidade de São Paulo)

2. Laura Vilela e Souza

(Psicóloga clínica, mestre e doutoranda em Psicologia pela Universidade de São Paulo. Especialista em Psicoterapia de grupo e docente do curso de Psicologia da Fafibe - Bebedouro)

3. Fernanda Kimie Tavares Mishima

(Psicóloga, mestre e doutoranda em Psicologia pela Universidade de São Paulo. Especialista em Inteligência Multifocal e psicóloga técnica da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – Universidade de São Paulo)

4. Manoel Antônio dos Santos

(Psicólogo, mestre e doutor em Psicologia pela Universidade de São Paulo. Docente dos cursos de graduação e pós-graduação em Psicologia da FFCLRP-USP, pesquisador na área de transtornos alimentares e bolsista em produtividade do CNPq)